

PREFÁCIO

Poeta Lindoaldo Vieira,

Naquela tarde de 30/04/2007, infelizmente tu discaste o número errado... Eu fiquei realmente muito feliz pela lembrança e pela deferência, como te disse ao telefone. O teu convite, ao mesmo tempo em que me arrepiou todo, também me enterneceu. Arrepiei-me pela surpresa, enterneci-me pelo amor que tenho por este **Poeta** e sua obra. Quem, estando de bem com o juízo, não gostaria de prefaciá-lo o livro de um **gênio** desse tamanho? Que vaidade tão miúda não se agigantaria para fazê-lo? Entretanto, entre o gostar e o poder, entre o querer e a real condição de realizar existe uma distância tão grande quanto a própria genialidade da criatura a ser prefaciada.

Portanto, poeta, aqui estou eu, não para apresentar ou definir **Cancão** (que é indefinível), mas para pedir-te a bênção, abençoar-te e aplaudir-te pela cansativa, minuciosa, porém gratificante tarefa de reunir, organizar e entregar ao grande público, especialmente aos admiradores e amantes da verdadeira Poesia, **PALAVRAS AO PLENILÚNIO**, esta bíblia rimada e recheada de orações fortes, que corresponde ao majestoso, inigualável e tão sonhado conjunto da obra poética do genialíssimo **Cancão** de São José do Egito.

Conseguiste juntar, num só baú, toda a inspiração de MUSA SERTANEJA, todas as fragrâncias de FLORES DO PAJEÚ, toda a poesia e simplicidade de MEU LUGAREJO e, ainda, todas as felizes e reluzentes surpresas de CHAVE DE OURO, trabalho inédito que ele não teve tempo de tirar da gaveta. Deste último, o grande Zé de Cazusa, para homenageá-lo, publicou, no seu enorme “*Poetas Encantadores*”, alguns poemas como: *Seis Horas*, *Aparição de Fátima*, *O Pobre*, *Um Inverno no Sertão*, entre outros.

Mas tu, poeta, foste muito além de tudo isso. O teu empreendimento é muito mais amplo e, acima de tudo, o teu objetivo (erigir um busto ao gênio) é também uma coisa muito nobre e muito justa! Faz muito tempo que o Berço da Poesia está em falta com o autor de *Ninho Roubado*.

Revestido de paciência, disposição e amor pela arte, e armado com a bateia dourada da consciência cultural, arregaçaste as mangas e saíste a garimpar. Refizeste o caminho do “calvário” do poeta e, valendo-te de “cirineus” como Joselito Nunes e Antônio Bezerra, recolheste muitos pedaços inéditos da luz do inesgotável farol da inspiração, que era ele mesmo! E eis aqui, em **PALAVRAS AO PLENILÚNIO**, o maravilhoso resultado dessa peregrinação: a totalidade possível (porque muita coisa o vento levou) das milhares e miraculosas partículas da poesia daquele que melhor decantou a paisagem e a alma sertanejas! O mais importante mesmo, poeta, (e aí está a razão da grande qualidade do teu trabalho) é saber que tudo foi feito com o mesmo carinho e respeito com que um filho cuida da memória do pai, emocionando-se (e até chorando) a cada peça que toca, a cada história lembrada...

A pureza, a humildade e a serenidade de **Cancão** eram tamanhas que esta sextilha de *Gonçalo Ferreira da Silva* (poeta cearense) pode ter sido dirigida a todos os poetas, menos a ele, que já era dono de tudo aquilo que a estrofe pede: *“Poeta, seja sincero,/ Humilde, bom e sereno./ Se grande eu quisesse ser,/ O fulminante veneno/ Dessa ilusão de ser grande/ Já me faria pequeno.*

Depois que o próprio *Rogaciano Leite* chegou a se declarar desprovido de “gabarito” para falar sobre esse “fenômeno da poesia popular”; depois que o grande jurista e poeta *José de Quitéria de João de Mandu (Zé Rabelo)* elevou-o à categoria de Santo e Sumo Pontífice do Reino dos Cantadores; depois que *Orlando Tejo* disse:

“Este poeta, malassombrado de tão grande, é dono de uma inspiração superior, que extrapola os limites da grandeza, e os seus vôos condoreiros ultrapassam o infinito da inspiração”; depois que o *rei dos trocadilhos* afirmou: “**Cancão** é uma canção ambulante”; depois que *Zé de Cazuzá* o considerou o maior poeta paisagista que ele já conhecera; enfim, depois que *Antônio de Catarina* garantiu que a genialidade de **Cancão** é algo que só a parapsicologia poderia explicar; depois de tudo isso, que direi eu, um simples fã e admirador de **Cancão** e de todas estas autoridades do verso? Sim, talvez pudesse dizer, apenas, que tive a grande felicidade de conhecê-lo pessoalmente, de ouvi-lo declamar e até de recitar para ele (como o fiz no Congresso de Violeiros de janeiro 1981, em São José) o poema *Versos à dor de Cancão*, quando se achava enlutado pela perda de sua querida musa e companheira Amélia.

É isto mesmo. Eu conheci de perto o poeta **João Batista de Siqueira**, grande orgulho poético-cultural, não só do Sítio Queimadas, onde nasceu em 12/05/1912, mas também de São José do Egito, do Pajeú, de Pernambuco, do Nordeste e do Brasil, pelo menos daquele Brasil que ainda é capaz de sentir e amar o belo; que ainda é capaz de compreender, aplaudir e reverenciar a grandiosidade de um gênio que elegeu sete motivos (a natureza, a Virgem Maria, o amor, a pobreza, a caridade, a verdade e a justiça) para, decantando-os, encantar o mundo e cativar a gente.

Obrigado, **Lindoaldo!** A bênção, **Cancão!!**



Dedé Monteiro

Tabira, 04 de maio de 2007